

UMA DISCUSSÃO SOBRE O PODER: OLEANNA (DAVID MAMET) NO PALCO BRASILEIRO.

LEILANE APARECIDA OLIVEIRA *

Ao trabalharmos com as diferentes linguagens na pesquisa histórica (Teatro, Literatura, Cinema, Poesia, Música) enquanto documento de investigação, de análise e como campo de reflexão, estamos lidando com novas formas de abordar o passado, com uma nova abordagem cultural da história, pois, como afirmou Aristóteles: “Tudo quanto se exprime pela linguagem é do domínio do pensamento”, sendo, portanto, fontes de inscrição de pensamentos e de ações dos homens no tempo e no mundo. Pautar-se para a análise das linguagens, nesse sentido, conduz segundo Roger Chartier, “os historiadores a reconhecer o papel ativo da linguagem, dos textos e das estruturas narrativas na criação e descrição da realidade histórica”.¹

Assim, com o espetáculo **Oleanna** observamos o fato de que as obras ficcionais estão inerentes de historicidade, pois estas apresentam a ação de homens que trazem consigo uma bagagem de questões que dizem respeito a determinados aspectos da sociedade que os contém. Tornando latente a imagem de uma época. Obra que tem por caráter “representar”: “fazer conhecer as coisas mediamente ‘pela pintura de um objeto’, ‘pelas palavras e gestos’, ‘por algumas figuras, por algumas marcas’ – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias”². Pois, representar é oferecer uma imagem, ou imagens de uma sociedade. E é nessa análise de conteúdo que o diálogo Arte e Sociedade torna-se coerente e perspicaz, pois a arte é capaz de comunicar-nos sob diversos aspectos que rondam uma determinada sociedade, pois: “A arte reflete a vida”. “Existiria sequer a arte se os homens não desejassem viver duas vezes?”³

São essas perspectivas que permitem com que algumas questões se desenvolvam. Através da articulação entre o diálogo História e Linguagens e Arte e

* Aluna do Mestrado na linha: Linguagem, Estética e Hermenêutica do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia.

¹ CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: A história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002, p. 132.

² *Ibidem*, p. 165.

³ BENTLEY, E. *A Experiência Viva do Teatro*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967, p. 22.

Sociedade, que contribuirá para a ampliação da discussão do processo de produção teatral no Brasil, sobretudo na década de 1990. Partindo da própria escolha das obras a serem encenadas, como no caso da encenação de **Oleanna** (David Mamet), o que motiva a adaptação da obra? Qual o alcance das temáticas abordadas pela mesma?

Ora, **Oleanna** diz respeito a questões como luta por poder, politicamente correto e o próprio assédio moral e sexual desenvolvidos no ambiente de uma universidade, trazendo temáticas polêmicas para o contexto de um país que apresenta algumas particularidades de sua própria formação política, cultural e social. Assim, quais as particularidades de **Oleanna** para o Teatro brasileiro? Quais as perspectivas do próprio diretor nesse processo de uma releitura da peça em outro contexto sócio-histórico?

Esses objetivos e problemáticas só são possíveis de serem trabalhados a partir das hipóteses de que: pensar em reapropriação requer pensar nas particularidades, pelo fato de que se retira uma determinada obra de seu contexto original, trazendo-a para um outro diferente; outra hipótese associada também ao conteúdo da obra está no fato de que o interesse em se representar uma obra está relacionado às discussões que a mesma estabelece por meio de suas temáticas principais, e sob o ponto de vista da produção esse interesse em representar a sociedade através do conteúdo da obra não é aleatório, mas fruto de escolha de indivíduos que são motivados por algum fator, seja pela abordagem de uma temática, ou pelo próprio custo de produção, que interfere na escolha de determinados espetáculos em detrimento de outros.

Por isso é necessário entender os elementos acrescentados ou retirados do espetáculo **Oleanna**, a fim de se perceber as mudanças estéticas adotadas pelo diretor para a reapropriação e significação da mesma, com vistas a perceber as mudanças estéticas adotadas pelo diretor para a sua recriação que permitiram ao público e aos atores envolvidos significar o espetáculo; entender o próprio contexto da obra norte-americana; discutir sobre o que significa fazer a adaptação de uma obra? Pois, trata-se de uma obra norte-americana, mas, em que ela serviria para lançar questionamentos e reflexões sobre o nosso país?; além da investigação da temática do poder relacionando-se ao contexto cultural, político e social do Brasil, sobretudo a partir da década de 1990 em que se demarcavam os espaços, os lugares e funções sociais de cada indivíduo, depois da abertura política e do fim da ditadura e a implementação do neoliberalismo e investigar sobre as sub-temáticas presentes na obra, que estando relacionadas à grande

temática do poder, são igualmente importantes para se compreender de quê e para quem a obra fala. São temáticas como: o ressentimento, o narcisismo e o próprio assédio. Aparecendo na obra como consequência da luta de todos contra todos nos parâmetros do sistema capitalista.

Enfim, uma obra com conteúdo recheado de discussões acerca da temática do poder, por isso, vários são os caminhos possíveis para se estabelecer discussões acerca dessa questão e das inúmeras sub-temáticas que esse tema principal envolve, como por exemplo, a questão do ressentimento, do narcisismo, do fim de um modelo de utopia pautada nas grandes ideologias bem como o estabelecimento de um “capitalismo selvagem” sob a ótica do neoliberalismo, que provoca a luta de todos contra todos, em que o poder se torna o foco desta disputa, sendo algumas das consequências desse quadro a própria questão do Assédio Moral ou Sexual, que para discuti-los podemos pautar-nos no livro de uma especialista (Marie-France Hirigoyen) no tema: **Assédio Moral: Violência Perversa no cotidiano**⁴.

Além disso, o que caracteriza esta luta de “todos contra todos”? Um ponto para que se discuta um pouco acerca das hipóteses de Rousseau com o seu livro **A Origem da desigualdade entre os homens**.⁵

Para isso, atrelado primeiramente ao enredo da obra devemos analisar essa disputa por poder e suas consequências, que pressupõe uma acusação de Assédio, por parte de uma personagem aparentemente ressentida da sua condição sócio-econômica, buscando se estabelecer na sociedade e nela encontrar seu espaço. Pois na trama, ambos os personagens apresentam traços de uma sociedade narcisista, ambicionado por poder, status social e estabilidade. Trata-se de uma sociedade marcadamente capitalista, envolvida nos moldes do neoliberalismo. Assim sendo, autores como Maria Rita Kehl em seu livro **Ressentimento**⁶ contribuirá para desvendar alguns aspectos presentes nas personagens como Carol de **Oleanna**, ao passo que Carol não só é uma personagem narcísica, como é de fato ressentida. E nas palavras de Maria Rita Kehl:

⁴ HIRIGOYEN, Marie-France. **Assédio Moral: violência Perversa no Cotidiano**; tradução de Maria Helena Kühner.- 7ª ed. - RJ; Bertrand do Brasil, 2005.

⁵ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

⁶ KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

(...) o ressentimento é um forte leitmotiv dramático na arte contemporânea. O personagem ressentido atrai simpatias, pois parece revestido de uma superioridade moral inquestionável. É o personagem sensível, passivo, acusador silencioso de um outro mais forte diante do qual ele se apresenta “coberto de razões”. A ele se atribui uma sensibilidade especial, que o torna incapaz de se adequar à dureza da vida em sociedade. O personagem ressentido é eficiente para mobilizar tanto a identificação (do leitor, do espectador, etc.) quanto a má consciência⁷.

O que não está longe da realidade, ao passo que:

O ressentido pode ser visto como sujeito característico dos impasses ocorridos em muitos conflitos sociais contemporâneos. Pode representar o estado de espírito das pessoas que se sentem “passadas para trás” na corrida das rivalidades profissionais do capitalismo selvagem. É o que ocorre quando um perdedor não se vê como um perdedor, mas como um “prejudicado”. O afeto é resistente porque conta com o que se chama de “covalidação social”, ou mesmo com uma covalidação “real”: as sociedades capitalistas frequentemente produzem condições para que grandes contingentes de trabalhadores sejam de fato prejudicados e lançados à margem do campo de possibilidades efetivas de inserção, em razão de uma ordem tão injusta que não se pode atribuir a eles a responsabilidade pelo prejuízo de que são verdadeiramente vítimas. Nessas condições em que não se pode separar as verdadeiras vítimas daqueles que são co-responsáveis por seus fracassos, o ressentimento adquire prestígios e convoca identificações e simpatias, e o ressentido sempre encontra motivos para se mostrar coberto de razões em suas queixas⁸.

⁷ Ibidem, p. 22.

É nesse contexto, que segundo Maria Rita Kehl “a atualidade do tema ressentimento é clínica e também política”⁹ Estando vinculado ao que se considera narcisismo. Assim, **A Cultura do Narcisismo**¹⁰ de Lasch será utilizada para se discutir sobre o narcisismo ou o “novo narcisista” como descreve o próprio autor: “Superficialmente tranqüilo e tolerante”, como afirma, o novo narcisista:

*(...) vê pouca utilidade nos dogmas de pureza racial e étnica, mas, ao mesmo tempo, vê-se privado da segurança de lealdade do grupo e considera ao outros como rivais pelos favores conferidos por um Estado paternalista. Ferozmente competitivo em seu desejo de aprovação e reconhecimento, desconfia da competição, por associá-la inconscientemente a uma irrefreável necessidade de destruir*¹¹.

Estamos diante de uma sociedade em que os vínculos sociais estão se enfraquecendo e os “laços de solidariedade corroídos”¹², luta-se não mais pelas grandes ideologias do passado e poucas esperanças se tem do futuro, mas luta-se por motivos individuais e contra a opressão que ameaça o bem-estar social, disputa-se por poder e pela afirmação e enaltecimento do eu. Experiências que levam ao vazio e ao isolamento, como outrora afirmou Cristopher Lasch.

O que se caracteriza num quadro de “esperanças em declínio” em cujas discussões estará Cristopher Lasch e Russel Jacoby em **Imagem Imperfeita e O fim da Utopia**. Além disso, como ficam os intelectuais em meio a esse processo? Onde estão os intelectuais? Essa discussão torna-se possível através de Russel Jacoby com sua obra

⁸ KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p.28

⁹ Ibidem.

¹⁰ LASCH, C. A. **A Cultura do Narcisismo: A vida Americana numa Era de Esperanças em Declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

¹¹ Ibidem, p. 15.

¹² *Laços de solidariedade corroídos, pelo fato, segundo Maria Rita Kehl, de que: “a igualdade política que garante a todos os mesmos direitos e oportunidades situa os indivíduos, simbolicamente em um mesmo patamar a partir do qual cada um se vê como competidor em relação a seus iguais. O pressuposto de igualdade simbólica que não se faz acompanhar de igualdade de direitos garantidos de fato, aliado à identificação dos mais pobres com os valores dos privilegiados, corrói os laços de solidariedade”*. Ver, a respeito: KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

Os últimos Intelectuais¹³, no que diz respeito à representação do intelectual na sociedade em meio a um século marcado pelo poder e pela autoridade, além do livro **Em Defesa dos Intelectuais** de Jean-Paul Sartre¹⁴. Qual o papel do professor universitário na sociedade atual, em meio ao culto ao técnico e à constante especialização.

Além disso, como ficam os diferentes grupos que se uniram em prol da luta pela libertação nos movimentos sociais. Pois, antes que se constatasse esse quadro social de “esperanças em declínio um quadro de agitação social marcou toda uma época com o movimento da Contracultura, por isso será necessário apreender esse movimento que fascinou os jovens pelo mundo todo, inclusive no Brasil, utilizando **A Grande Recusa hoje, Contra-Revolução e Revolta, Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud, O fim da utopia e Razão e Revolução**,¹⁵ de Hebert Marcuse, considerado o mentor intelectual desse movimento. **A Contracultura** de Theodore Roszak¹⁶, **Paris 1968: as barricadas do desejo** de Olgária Matos,¹⁷ **68: a paixão de uma utopia** de Daniel Aarão Reis e Pedro de Moraes,¹⁸ **1968: o ano que não terminou** de Zuenir Ventura¹⁹ e **Pensamento 68**²⁰. E a partir da fundamentação da discussão acerca desse movimento político e cultural que marcou as décadas de 1960 e 1970, refletir sobre as premissas do multiculturalismo em cujas discussões acompanham os debates inclusive sobre o pós-modernismo e, o que se verifica de forma mais evidente a partir dos anos 1970, sobretudo nos Estados Unidos, pois o que é o multiculturalismo senão a afirmação e culto à diferença? Ao passo que se busca a

¹³ JACOBY, Russell. **Os últimos Intelectuais: a cultura americana na Era da academia**. São Paulo: Trajetória Cultural: EDUSP, 1990.

¹⁴ SARTRE, Jean-Paul. **Em Defesa dos Intelectuais**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

¹⁵ MARCUSE, Herbert. **A Grande Recusa hoje**. Petrópolis: Vozes, 1999.____ **Contra-Revolução e Revolta**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.____. **Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. 8ª ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.____. **O fim da utopia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.____. **Razão e Revolução**. 4ª ed. Tradução de Marília Barroso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

¹⁶ ROSZAK, Theodore. **A Contracultura**. Tradução de Donaldson M. Garshagen. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

¹⁷ MATOS, Olgária, **Paris 1968: as barricadas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

¹⁸ REIS, Daniel Aarão; MORAIS, Pedro de. **68: a paixão de uma utopia**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

¹⁹ VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

²⁰ FERRY, Luc; RENAUT, Alain. **Pensamento 68: ensaio sobre o anti-humanismo contemporâneo**.

afirmação de identidades em que os sujeitos reivindicam, a partir das garantias igualitárias, o direito à diferença. Mulheres, negros (ou afro-americanos), homossexuais, populações latino-americanas ("hispanos" ou chicanos) e migrantes. Para estabelecer tal discussão serão utilizados o capítulo "O Mito do Multiculturalismo, do livro **O fim da Utopia: política e cultura na era da apatia**²¹, em que Russel Jacoby traz à luz Estados Unidos uma discussão crítica acerca do que chamou "pluralismo e suas diferentes encarnações, como o multiculturalismo, diversidade cultural e pluralismo cultural²²" e **Identidade Cultural na pós-modernidade**²³, que fala-nos sobre algumas barreiras provenientes de uma sociedade cada vez mais pautada nas premissas do multiculturalismo, dentre elas o lugar do politicamente correto em meio a esse "jogo de identidades".

Diante desse esforço em demonstrar os caminhos possíveis de discussão da temática, outra questão está inscrito no fato de a apresentação teatral da obra **Oleanna** no Brasil, em 1996 consistir numa adaptação para o teatro brasileiro. Por isso, será apreendido o contexto social, político e cultural do Brasil um país considerado em sua formação um país cristão e com a formação de grupos diferente da formação observada nos Estados Unidos, demarcando por isso, suas especificidades em relação ao contexto norte-americano que apresenta como um dos principais teóricos Alexis de Tocqueville em **Democracia na América**²⁴ e Hannah Arendt com **Crises da República e Da Revolução**²⁵. Para se discutir Brasil em termos de contexto político e cultural será inserido discussões do volume quatro de **História da Vida Privada no Brasil**²⁶, que falará um pouco sobre a crise da democracia no Brasil e o esfacelamento da democracia direta, partindo do contexto de agitação social (estando circunscritos aí os movimentos sociais), política e cultural para outro que foi o da ditadura militar, para isso serão

São Paulo: Ensaio, 1988.

²¹ JACOBY, Russell. **O Fim da Utopia: política e cultura na era da apatia**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

²² Ibidem, p.51.

²³ HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

²⁴ TOCQUEVILLE, A. de. **A Democracia na América**. 2ª ed., Belo Horizonte / São Paulo: Itatiaia / EDUSP, 1977.

²⁵ ARENDT, Hannah. **Crises da república**. São Paulo: Perspectiva, 1973. _____. **Da revolução**. Brasília: UnB, 1988.

²⁶ NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Liliam M. (Orgs.). **História da vida privada no Brasil**. v. 4, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

utilizados: **A Ditadura Derrotada, A Ditadura Envergonhada e A Ditadura Escancarada**, de Élio Gaspari.²⁷ Além disso, será necessário discutir como ficam as artes em meio a esse quadro, pois se num determina do momento ela é considerada engajada, pelo embate com a ditadura, porque após esse momento se considera que ela perde o seu potencial de engajamento?

Enfim, esse trabalho reflete algumas questões que diz respeito a um projeto maior, ainda em início de sua execução. Por isso, trata-se de possibilidades, ou ainda, de caminhos possíveis de serem trabalhados para a discussão das temáticas principais: uma delas é a questão do poder e outra o próprio universo de adaptação de uma obra, pois diga-se de passagem, **Oleanna** é uma obra norte-americana, que retirada de seu contexto original ganha sua versão brasileira.

Referências Bibliográficas:

ARENDDT, Hannah. **Crises da república**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. **Da revolução**. Brasília: UnB, 1988.

BENTLEY, E. **A Experiência Viva do Teatro**, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: A história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

FERRY, Luc; RENAUT, Alain. **Pensamento 68: ensaio sobre o anti-humanismo contemporâneo**. São Paulo: Ensaio, 1988.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Derrotada**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

_____. **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

_____. **A Ditadura Escancarada**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

HIRIGOYEN, Marie-France. **Assédio Moral: violência Perversa no Cotidiano**; tradução de Maria Helena Kühner.- 7ª ed. - RJ; Bertrand do Brasil, 2005.

JACOBY, Russell. **O Fim da Utopia: política e cultura na era da apatia**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

²⁷ GASPARI, Elio. **A Ditadura Derrotada**. São Paulo: Cia das Letras, 2003._____. **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Cia das Letras, 2002._____. **A Ditadura Escancarada**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

JACOBY, Russell. **Os últimos Intelectuais: a cultura americana na Era da academia**. São Paulo: Trajetória Cultural: EDUSP, 1990.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LASCH, C. A. **A Cultura do Narcisismo: A vida Americana numa Era de Esperanças em Declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

MATOS, Olgária, **Paris 1968: as barricadas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MARCUSE, Herbert. **A Grande Recusa hoje**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Contra-Revolução e Revolta**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

_____. **Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. 8ª ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981

_____. **O fim da utopia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

_____. **Razão e Revolução**. 4ª ed. Tradução de Marília Barroso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Liliam M. (Orgs.). **História da vida privada no Brasil**. v. 4, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

REIS, Daniel Aarão; MORAIS, Pedro de. **68: a paixão de uma utopia**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

ROSZAK, Theodore. **A Contracultura**. Tradução de Donaldson M. Garshagen. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SARTRE, Jean-Paul. **Em Defesa dos Intelectuais**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

TOCQUEVILLE, A. de. **A Democracia na América**. 2ª ed., Belo Horizonte / São Paulo: Itatiaia / EDUSP, 1977.

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.